

AS AÇÕES DO PROJETO VILA SUSTENTÁVEL NO BAIRRO UBERABA: A PRAÇA TRANSFORMADA EM LUGAR

Recebido em: 05/11/2018

Aceito em: 27/05/2019

*Felipe Sobczynski Gonçalves*¹
Secretaria Estadual de Educação do Paraná
Secretaria Municipal de Educação de Curitiba
Curitiba – PR – Brasil

*Emília Amélia Pinto Costa Rodrigues*²
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Salvador – BA – Brasil

*Simone Rechia*³
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba – PR – Brasil

RESUMO: O estudo objetiva apresentar ações concretas que foram efetivadas no processo de desenvolvimento do PVS na cidade de Curitiba/PR, com intuito de diagnosticar a importância do lazer no processo de apropriação do espaço público. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, em que foi realizada técnicas de observação participante, diário de campo e entrevista. Os dados produzidos a partir das entrevistas foram tabulados, enquanto os dados advindos das observações e diário de campo foram interpretados descritivamente. Com os resultados podemos inferir que esse é um projeto de fundamental importância a ser desenvolvido nas diferentes comunidades, pois possibilita o uso e a apropriação da praça de maneira qualificada. Percebe-se que o lazer é um importante fenômeno no processo de apropriação dos diferentes espaços pela comunidade, transformando-os em lugar.

PALAVRAS CHAVE: Centros de Convivência e Lazer. Governo Local. Área Urbana. Atividades de Lazer.

ACTIONS OF THE PROJETO VILA SUSTENTÁVEL IN UBERABA DISTRICT: THE SQUARE TRANSFORMED IN PLACE

¹ Doutor em Educação Física. Secretaria Estadual de Educação do Paraná e Secretaria Municipal de Educação de Curitiba. GEPLC- Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade.

² Doutora em Educação Física. Universidade Federal da Bahia. GEPLC- Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade. HCEL- História da Cultura Corporal, Educação, Esporte, Lazer e Sociedade

³ Doutora em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. GEPLC- Grupo de Estudo e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade

ABSTRACT: The study aims to present concrete actions that were carried out in the process of development of the PVS in the city of Curitiba / PR, in order to diagnose the importance of leisure in the process of appropriation of the public space. This is a qualitative research, in which techniques of participant observation, field diary and interview were performed. The data produced from the interviews were tabulated, while the data from the observations and field diary were interpreted descriptively. With the results we can infer that this is a project of fundamental importance to be developed in different communities, put into practice the use and appropriation of the square in a qualified manner. It is noticed that leisure is an important phenomenon in the process of appropriation of the different spaces by the community, transforming them into place.

KEYWORDS: Centers of Convivance and Leisure. Local Government. Urban Area. Leisure Activities.

Introdução

As cidades são caracterizadas pelas múltiplas práticas sociais pelas quais o sentido do espaço urbano, presentes nelas, é apresentado como instrumento que caracteriza e dá significado ao cotidiano. Conforme Rechia (2003), as cidades apresentam-se como um espaço em movimento constante, em que perspectivas individuais e coletivas originam situações singulares a serem interpretadas e compreendidas no cotidiano da vida urbana.

Contudo, o desenvolvimento urbano, de forma irregular, traz danos ao meio ambiente e ao espaço citadino, conseqüentemente, pode originar um ambiente com baixa qualidade de vida, onde as possibilidades de espaços de lazer passam a ser restritas ou despercebidas.

Freitag (2012, p. 108) ressalta que para conhecer o espaço citadino, as cidades precisam ser “ouvidas, observadas, percorridas, investigadas, interpretadas, examinadas e esmiuçadas estatisticamente, estudadas sociologicamente, avaliadas política e economicamente”. Ainda de acordo com a autora, é importante as pesquisas no âmbito das cidades, para que seja possível compreendê-las e conseqüentemente transformá-las.

Para Lefebvre (2001, p.4) a cidade deveria ser vista como uma obra, no entanto, com o desenvolvimento da sociedade capitalista ela também se tornou um produto. Na concepção do autor,

[...] a própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos. Com efeito, a obra é valor de uso e o produto é valor de troca. O uso principal da cidade, isto é, das ruas e das praças, dos edifícios e dos monumentos, é a Festa.

Considerada como obra e não como produto o autor aponta que a a cidade depende do valor de uso, enquanto “o valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, [...], a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso” (LEFEBVRE, 2001, p.6). Assim, deve-se valorizar o espaço público e a expressão individual e coletiva, ou como afirma Lefebvre (2001), a cidade deve levar em consideração a individualização na socialização.

Acreditamos numa cidade na qual todas as pessoas tenham condições de se deslocar pela mesma, independentemente do local em que residam, isso quer dizer que a mobilidade é um componente essencial para a vida das cidades. Assim, precisamos pensar como os indivíduos podem driblar essas situações que os diferentes espaços das cidades acabam apresentando.

No intuito de pesquisar e compreender as relações existentes na cidade, surge o Projeto Vila Sustentável (PVS)⁴, na periferia da cidade de Curitiba/PR. Localizado no bairro Uberaba, onde encontra-se o Bolsão Audi-União (Figura 1). Desde os anos 90, está entre os bairros que mais crescem tratando-se do número de habitantes, sendo o quinto mais populoso de Curitiba de acordo com dados da prefeitura.

⁴ O PVS beneficia aproximadamente 30 mil pessoas residentes num perímetro que encontram-se sete vilas, compondo parte do bolsão Audi-União, localizados entre a linha do trem e o Rio Iguaçu.

Figura 1: PVS em amarelo e em destaque o Bolsão Audi-União



Fonte: wikimapia

Um dos intuitos da criação do PVS foi desenvolver uma cultura cidadã urbana e de pertencimento e apropriação. Para Pol (1996) a apropriação está atrelada ao conceito de alienação, neste caso, quando apropriamos de algo, resulta em impressões de marcas, que transformamos. No caso da Vila, quando os sujeitos se apropriam a partir da prática social ou do espaço, resulta em um lugar significativo.

O PVS, partiu de um projeto piloto desenvolvido pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMMA) de Curitiba, tendo como intenção a adoção do espaço público por parte da comunidade, a partir de práticas sustentáveis, autonomia, decisões, empoderamento, ampliações das possibilidades de lazer. Uma das ações do Projeto foi realizada na Praça Frei Jorge Dudu da Silva, mas conhecida pela comunidade como “Praça do Bosque”.

Sendo assim, este artigo tem o objetivo de apresentar ações concretas que foram efetivadas no processo de desenvolvimento do PVS na cidade de Curitiba/PR, com

intuito de diagnosticar a importância do lazer no processo de apropriação do espaço público.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho etnográfico, que utiliza como estratégia as técnicas de observação participante, diário de campo, entrevista aberta, o contato direto com o universo investigado e outros meios auxiliares (VELHO, 1980).

Nessa perspectiva de pesquisa, busca-se associar conceitos e noções complementares e concorrentes, procurando entender seus diferentes níveis de desenvolvimento teórico e prático no interior das áreas disciplinares. “Dentre as antinomias relevantes, se encontram as relações entre o universal e o particular; entre o global e o local; entre o micro e o macro; entre o coletivo e o individual; entre o todo e as partes; entre a análise e a síntese” (MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2005, p.34).

Segundo a autora, essa abordagem atua levando em consideração a compreensão, a inteligibilidade dos fenômenos sociais e o seu significado, além da intencionalidade que lhe atribuem os sujeitos.

A pesquisa etnográfica permite que se efetive a análise cultural, inspirada em Geertz (1989), o qual salienta que a interpretação das culturas faz-se a partir de uma descrição “densa do campo empírico”. Essa descrição do cotidiano possibilita que o pesquisador se depare com o inesperado, nesse sentido, uma das principais características da pesquisa qualitativa é que o pesquisador não deve prever resultados, ou seja, deve ir a campo o mais aberto possível para diferentes possibilidades, buscando o que se revela importante para a realidade, ou seja, os interlocutores estudados.

Para Magnani (2002, p.17), “o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos”.

Por ser também uma pesquisa de cunho social, procurou observar como são desenvolvidas as ações do PVS pelos diferentes interlocutores (SMMA, SMELJ, US Lotiguaçu, Fundação Cultural de Curitiba e Instituto Municipal de Administração Pública, ONG-Projeto Geração e associação de moradores) e a comunidade (Mc’s, skatistas e fanfarra da Escola AnibalKhury), porém a intenção desse artigo é apresentar um recorte, o qual procura descrever e interpretar quatro eventos e sua organização prévia que ocorreram na “Praça do Bosque”.

Foram realizados 4 eventos no período de dezembro de 2014 a junho de 2016. Antes de cada evento, eram realizados encontros com todos os envolvidos para definir quais ações seriam realizadas. Em cada reunião e nas intervenções foram realizados registros fotográficos e diário de campo. Cada evento durava 4 horas.

Em um dos eventos foi utilizado como instrumento um roteiro de entrevista estruturada com perguntas abertas e fechadas, elaborado pelos autores, de modo a contemplar questões sobre o perfil dos frequentadores, conhecimentos sobre a praça, interesse em utilizar o espaço público, conhecimento sobre os projetos realizados e percepções sobre a qualidade do espaço. A técnica utilizada para aplicação dos questionário foi a entrevista.

Os interlocutores participantes das entrevistas eram frequentadores da praça, de ambos os sexos, sem restrição de escolaridade ou área profissional. Foram excluídos usuários que não residiam na cidade de Curitiba, interlocutores que não completaram a

entrevista ou crianças que não tiveram o consentimento dos pais ou responsáveis para participar.

Inicialmente os dados produzidos a partir das entrevistas foram tabulados, enquanto os dados advindos das observações e diário de campo foram interpretados descritivamente, por meio da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2009). Essa técnica é utilizada para compreender os resultados, permitindo evidenciar as diversas situações encontradas nas reuniões e nas intervenções realizadas em cada evento.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Paraná, número do parecer 2.327.558, conforme a resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2017).

Os Eventos Realizados na “Praça Do Bosque”: Do Uso à Apropriação

Foram realizados 4 eventos que contaram com a participação da SMMA, da Associação de Moradores Lotiguaçu, da SMELJ, da Unidade de Saúde e do XXX.

O primeiro evento ocorreu no dia 14/12/2014 e teve como intuito lançar oficialmente o PVS e homenagear um dos moradores mais antigos do bairro. O XXX foi convidado a contribuir com o processo de reconversão da praça, que se caracteriza como

[...] uma ação que busca a melhoria dos espaços públicos da cidade, tais como ruas e praças de bairros com baixo nível de urbanização, por meio de ajardinamento, novos mobiliários, iluminação, equipamentos socioculturais, que se convertem em verdadeiros espaços públicos de uso coletivo e proporcionam qualidade de cidade a estes bairros (BORJA; MUXÍ, 2000, p. 43).

Na praça esse processo se efetivou com a recuperação da pista de caminhada, com a retirada de uma casa abandonada, além do plantio de árvores e mudas de flores. Essa ação permite qualificar o espaço dando a possibilidade de transformá-lo em lugar.

Para a segunda intervenção, que aconteceu dia 24/05/15, foi proposto uma reunião inicial entre os interlocutores do projeto, com a inclusão dos grafiteiros e estudantes de nutrição para decidir quais seriam as ações desenvolvidas.

O trabalho desenvolvido nos muros que fazem parte da praça seria de responsabilidade do adolescente que participou da reunião, ele deveria entrar em contato com seus colegas para que no dia do evento efetivassem a ação. A equipe de nutrição se propôs a aferir a pressão arterial e falar a respeito da importância da alimentação saudável. A SMELJ disponibilizou alguns brinquedos, como cama elástica, jogos gigantes, chinelão, além de realizar pintura de rosto.

Nesse evento, o XXX auxiliou nas ações que fossem necessárias, mas ajudaram principalmente resignificando as atividades com os materiais que a SMELJ levou, além de montar o Foursquare para as crianças e os adolescentes e propor uma oficina de Parkour.

O que nos chamou atenção no decorrer da ação foi que dois moradores da rua ao lado da praça pediram aos meninos para grafitem o muro de suas casas, como retraram as Figuras (2 e 3).

Figura 2: Grafite no muro dos moradores vizinhos a praça.



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Figura 3: Grafite no muro que fica voltado à praça.



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Os Mc's, assim como os grafiteiros, tiveram sua primeira participação nesse evento, naquele momento acabaram não se organizando muito bem, pois levaram uma caixa de som muito pequena para o tamanho da praça e estavam apenas com um microfone o que dificultou a apresentação no momento em que cantavam em duplas. No entanto, estas questões pareceram não incomodá-los pelas falas realizadas na reunião de avaliação: “Um monte de gente vem pedir oportunidade depois da apresentação”;

“Bom, queremos nos expressar junto com a comunidade, quanto mais gente entrar mais valoriza”; “Quando acontece em parceria, as pessoas vê o funk com mais respeito, veem que podemos correr atrás do sonho”.

Se compararmos essa ação com a anterior podemos afirmar que tivemos um salto qualitativo principalmente com a participação dos Mc’s e com o processo de reconversão do muro, sem esquecer de enfatizar a participação da comunidade durante todo o evento.

Após a reunião de avaliação do segundo evento, o coletivo passou a compreender a importância dessa ação para a comunidade e começou a se organizar melhor. Na reunião de organização para o terceiro evento, foram levantados alguns pontos que acabaram gerando debates. Destaca-se a sugestão de que a SMELJ não levasse o material utilizado no evento anterior (cama elástica e pintura no rosto), pois elas acabariam “concorrendo” com outras ações. Esse pedido só foi possível, pois percebemos que as crianças formavam filas nessas atividades e isso acabou indo de encontro com a proposta que era proporcionar à comunidade diferentes formas de uso e apropriação dos espaços no tempo de lazer.

Dessa forma, para o evento do dia 20/09/15, adotamos algumas estratégias levando em consideração a metodologia desenvolvida pelo XXX, para tanto foram planejadas atividades levando em consideração o tema espaço. Em cada uma das “estações” – EspaçoSom; Espaço Criatividade; Espaço Aventura; Espaço Cultura Corporal e Espaço Brincadeiras de Ontem, Hoje e Sempre – a intenção era realizar atividades que permitissem a participação de toda a comunidade, independente da faixa etária (Figuras 4 e 5).

Figura 4: Apresentações na praça



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Figura 5: Jogos de tabuleiro



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Várias atitudes, que não ocorreram nos eventos anteriores, nos chamaram atenção, pois foi possível observar que alguns moradores estavam na praça fazendo piquenique, enquanto outros levaram mesas e cadeiras plásticas para se apropriarem de fato daquele espaço. Assim, essa postura por parte da comunidade permite afirmar que essa praça deixa de ser apenas uma paisagem e se torna um lugar. Da mesma forma, é nesse momento que começamos a perceber que a comunidade deixa de apenas usar o espaço para de fato se apropriar, pois como afirmam Cavalcante e Elali (2011, p.63), a apropriação é “[...] um processo psicossocial central na interação do sujeito com seu entorno por meio do qual o ser humano se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de sua pessoa, criando um lugar seu”.

Nesta perspectiva, o lugar, ou melhor, a praça, pode ser considerada “o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, [...], pelas mais diversas manifestações de espontaneidade e criatividade” (SANTOS, 2006, p.258). O cotidiano pode ser compartilhado por regras formuladas e reformuladas localmente, sendo o lugar, por essência, responsável pelas experiências vivenciadas de forma significativa por meio da solidariedade existente nos diferentes espaços e pela ludicidade proporcionada às diversas manifestações.

Na reunião de avaliação do terceiro evento, o grupo chegou a conclusão que a estratégia adotada foi positiva e que poderia ser mantida, a princípio a intenção era realizar mais uma ação em dezembro de 2015, porém o coletivo achou que seria pouco tempo para a organização e isso poderia desqualificar o trabalho, isso fica evidente na fala de um dos integrantes do Projeto, “agora não podemos deixar o nível do evento cair, se fizermos outro evento, precisa ser melhor e não pior. E a gente sabe que a comunidade percebe”.

Dessa forma, para o 4º evento realizado dia 26/06/16, a estratégia utilizada foi a mesma da anterior, dividindo as atividades em cinco espaços, procurando atender o maior número possível de pessoas. Esse evento contou com um número maior de atividades desenvolvidas pelo coletivo do PVS. Atuaram na praça os moradores e alunos da escola, realizando o processo de reconversão, por meio do plantio de árvores e plantas. A comunidade foi participativa e dentre as formas de apropriação que se efetivaram na praça, podemos destacar a apresentação dos Mc's, da Fanfarra e do “Cortejo dos Palhaços” (Figura 6).

Figura 6: Cortejo dos Palhaços



Fonte: Arquivo Pessoal (2016).

Em eventos anteriores percebemos que o bosque era apropriado por meio do lazer desviante (ROJEK, 2000), ou seja, havia a utilização de drogas lícitas e ilícitas por parte dos jovens, então uma forma de tentar dirimir essa prática foi propor que as atividades da “estação” Espaço Aventura fossem planejadas levando em conta essa peculiaridade (Figura 7).

Figura 7: Espaço Aventura



Legenda: Arquivo Pessoal (2016)

Figura 8: Espaço Aventura



Legenda: Arquivo Pessoal (2016).

Após os três eventos realizados anteriormente, percebemos a importância de compreender o perfil dos usuários da praça e para tanto realizamos entrevistas com os

participantes. Fizeram parte da pesquisa homens e mulheres, desde crianças com 10 anos até idosos com mais de 60. Do total de entrevistados 46,7% tinham entre 10/18 anos; 21,4% entre 19/29 anos; 30,7% entre 30/59 anos e apenas 1,86% tinha mais de 60 anos. Desse total 72% eram mulheres e 28% eram homens (Tabela 1).

Esse último dado torna-se relevante pelo fato de percebermos que na praça o número de mulheres, que usam ou se apropriam, é maior que o de homens. As mulheres acabam assumindo o papel de cuidar das crianças e por esse motivo estão mais presentes na praça. De acordo com Farinasso (2016), historicamente foi atribuído à mulher o cuidado com a vida privada, já aos homens, foi atribuído o cuidado relacionado à vida pública e ao setor produtivo. Realizamos tal afirmação sabendo que essa é uma questão cultural e que acaba atribuindo a cada lado determinado poder.

Para Montaner e Muxí (2014, p.198), faz-se necessário pensar na construção do espaço público “sem gênero nem ordem patriarcal; portanto, um espaço sem hierarquias, horizontal, um espaço que evidencie as diferenças, e não as desigualdades, um espaço de todos e de todas em igualdade de valoração de olhares, saberes e experiências.”

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica e aspectos relacionados à utilização da praça (n=107)

Variável	n	%
<i>Sexo</i>		
Homem	30	28,0
Mulher	77	72,0
<i>Faixa etária</i>		
10 a 18 anos	50	46,7
19 a 29 anos	23	21,4
30 a 59 anos	32	30,7
Maior de 60 anos	2	1,86
<i>Frequência na praça</i>		

Todos os dias	25	24,0
Até 2x/semana	26	27,0
Até 3x/semana	9	9,0
Apenas no final de semana	25	23,0
1ª vez frequentando a praça	18	17,0
<i>Como se desloca até a praça</i>		
A pé	98	91,5
Bicicleta	8	7,4
Ônibus	2	1,8
Moto	0	-
Carro	5	4,6
NTC	2	1,8

Fonte: Os autores

Com relação a frequência de utilização da praça, um número que nos chamou atenção foi que 24% dos entrevistados disseram utilizar a praça todos os dias, enquanto 23% nos finais de semana. Esse dado é relevante, pois confirma aquilo que observamos nesse período que estivemos em campo. A praça sempre estava ocupada, em alguns momentos com um número maior de pessoas (finais de semana) e em outros momentos um pouco mais vazia (dias de semana).

Podemos afirmar que ocorre um efetivo processo de interação dos moradores do entorno com a praça, transformando o espaço em um prolongamento de si, criando aquilo que Tuan (2013) vai chamar de lugar. Assim, segundo o autor, o espaço se transforma em lugar, quando preenchido por experiências e vivências relacionadas à dependência e liberdade. O autor coloca que existem duas dimensões do espaço, pois este quando permanece aberto, sugere futuro e convida à ação. “O espaço fechado e humanizado é lugar. [...] O lugar representa a segurança, enquanto o espaço representa a liberdade” (p.3).

Segundo Rechia (2003, p. 132), “espaço e lugar são componentes básicos do mundo vivo. Assim, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. De acordo com a autora, o espaço é amplo e pode despertar sensação de um “vazio”, espaço livre e neutro, no entanto, pode se tornar lugar, a partir do movimento que lhe é dado, passando a ser um local aconchegante e seguro. Partindo dessa reflexão, podemos afirmar que quem faz do espaço um lugar são os sujeitos que o frequentam, ao se apropriarem e atribuírem um sentido e significado com ações e relações estabelecidas com o mesmo.

Outro dado importante para que se efetive a apropriação do espaço público é o acesso ao mesmo. De acordo com as respostas, 90% das pessoas chegam até a praça caminhando ou de bicicleta e apenas 10% vão de ônibus ou de carro. Para Gehl (2011), a cidade deve ser para as pessoas e nessa perspectiva caminhar exige espaço, as pessoas devem conseguir andar minimamente livres e sem ser perturbadas, empurradas ou que tenham que desviar a todo momento. O autor afirma que as cidades precisam ter um sistema de pedestres que possibilitem aos mesmos seguir distâncias curtas entre os diferentes destinos dentro de uma determinada área. Essa questão trazida pelo autor é percebida nos dias de evento, pois a praça fica localizada próximo às residências.

A Tabela 2 apresenta os dados referentes aos motivos de utilização e percepção dos entrevistados quanto a praça. Os entrevistados foram questionados dos motivos de frequentá-la, 57,9% ressaltaram o lazer e 16,8% trazer alguém. Nesta direção, é necessário lembrar o estudo de Rechia (2006), que considera o tempo/espaço como uma prática social, no qual envolve a dimensão humana. Sendo assim, esses espaços são propícios às práticas de lazer e relações sociais. Entendendo que tais relações podem ser consideradas fatores determinantes para frequentar espaços públicos de lazer, pois como

aponta Gehl (2013) pessoas atraem pessoas. Por outro lado, também foi indagado os motivos da não utilização desse espaço, no entanto, foram poucos os interlocutores que se manifestaram a esse respeito.

Tabela 2: Motivos de utilização e percepção quanto a praça

Variável	n	%
<i>Motivos utilização da praça</i>		
Saúde	0	-
Lazer	62	57,9
Socialização e integração	10	9,34
Trazer alguém	18	16,8
Não utiliza	5	4,67
NTC	12	11,21
<i>Motivos de não utilizar a praça</i>		
Falta de interesse	1	0,09
Insegurança	1	0,09
Falta de estrutura	0	-
NTC	3	2,80
<i>Mobiliários utilizados</i>		
Parquinho	52	48,5
Cancha de areia	22	20,5
Cancha de bocha	0	-
Bancos	60	56,0
Bosque	6	5,6
NTC	11	10,2
<i>Limpeza da praça</i>		
Ruim	38	35,5
Mediana	30	28,0
Boa	39	36,4
<i>Ambiente da praça</i>		
Muito barulhenta	6	5,6
Barulhenta	47	43,9
Silenciosa	51	47,6
Muito silenciosa	3	2,8
<i>Relação entre as pessoas</i>		
Muito ruim		
Ruim	18	16,8
Mediana	31	28,9
Boa	52	48,5
NTC	6	5,6

Fonte: Os autores

Para que as pessoas permaneçam no local é preciso que o mesmo seja atrativo e as convidem a ficar, nesse sentido, os bancos para as pessoas sentarem é essencial, não basta ser em número suficiente, é preciso que tenha qualidade. De acordo com os entrevistados, 40% utilizam os bancos, principalmente para cuidar e observar as crianças que utilizam o parquinho. Gehl (2011) afirma que a existência de bons locais para se sentar oportuniza o uso de numerosas atividades nos espaços públicos. Os lugares para sentar-se exigem mais cuidado do que os lugares que se pode ficar em pé. As bordas dos bancos são mais utilizadas que o meio, sendo importante a boa escolha do local onde se colocar assentos considerando a vista, a qualidade e o clima do local.

A afirmação do autor corrobora com a fala da Entrevistada 58 que ressalta a importância de “ter mais bancos na praça que sejam mais confortáveis que esses de madeira. As pessoas mais velhas ficam pouco tempo na praça, pois não tem como sentar e encostar as costas, assim fica difícil para elas”. Nessa mesma perspectiva o Entrevistado 25 afirma que “a praça tem bastante bancos, mas eles não são confortáveis, seria bom se a prefeitura colocasse aqueles que dá para encostar, seria muito melhor e as pessoas ficariam mais tempo cuidando das crianças”.

Além disso, foi identificado que 34,9% dos entrevistados estão satisfeitos com a limpeza da praça. Entende-se que realizar melhorias nos espaços públicos de lazer pode estimular e motivar cada vez mais as pessoas utilizarem esses ambientes (SILVA *et al.*, 2016). Hallal *et al.* (2010) também destaca que as intervenções ambientais são indicadores significativos dos sujeitos utilizarem os espaços públicos para práticas corporais. Indo além, a questão da limpeza pode motivar os sujeitos a utilizarem o espaço para práticas corporais, diferentes vivências de lazer, relações sociais entre outros.

Com relação aos resultados referentes aos sons da praça, ou seja, os ruídos produzidos pelos carros, carros de som, som em casa, trens, aviões, as respostas ficaram divididas, sendo que 50% acha a praça barulhenta e 50% acha silenciosa. É importante lembrar que as entrevistas foram realizadas durante o evento e que tínhamos tanto o som dos Mc's quanto o som das casas.

Ao analisarmos os dados levantados a partir das entrevistas, tivemos condições de perceber que nenhum morador do bairro conhece o nome oficial⁵ que foi dado à praça pelo vereador Hélio Wirbinski, a maior parte das pessoas se referem ao espaço como Praça do Bosque. No tocante as categorias conhecimentos e interesses dos projetos e ações comunitárias realizados na praça, o intuito foi investigar os conhecimentos dos interlocutores entrevistados em relação aos acontecimentos da praça (Tabela 3).

Tabela 3: Conhecimentos e interesses dos projetos e ações comunitárias realizados na praça

Variável	n	%
<i>Conhecimentos dos projetos na praça</i>		
Sim	24	22,4
Não	83	77,5
<i>Conhecimentos quando há projeto/intervenção na praça</i>		
Nunca fico sabendo	3	2,8
Sei quando está ocorrendo	18	16,6
Cartaz/folhetos	26	24,2
Informações de terceiros	77	71,9
<i>Conhecimento do PVS</i>		
Sim	13	12,1
Não	94	87,8
<i>Gostaria de conhecer o PVS</i>		
Sim	78	82,9
Não	16	17,0

⁵ O nome oficial da praça “Frei Jorge Dudu da Silva” foi sancionado pela Câmara dos Vereadores em 05/06/2014.

<i>Contribuição para manutenção da praça</i>		
Nunca fiz nada	47	43,9
Ajudado a limpar	11	10,2
Ajudado na manutenção	6	5,6
Ajudado a conservar	33	30,8
NTC	10	9,3
<i>Gostaria de contribuir com a praça (os que não contribuem)</i>		
Sim	37	55,2
Não	30	44,7
<i>Conhece a Associação de moradores</i>		
Sim	37	34,5
Não	70	65,4
<i>Avaliação da atuação da Associação</i>		
Ruim	7	18,9
Mediana	10	27,0
Boa	17	45,9
NTC	3	8,1

Fonte: Os autores

Chamou atenção que a maior parte dos entrevistados (77,5%) não conhecem o PVS. No entanto, em seguida foi questionado para aqueles que não conhecem se teriam interesse em conhecer, no qual, 82,9% alegaram que sim. Ainda assim, foi questionado como os entrevistados que têm conhecimentos dos projetos ficam sabendo dessas informações. A maior parte (71,9%) ressaltaram informações de terceiros e (24,2%) cartaz/folhetos. Esse dado chama atenção no tocante a realizar campanhas educativas, apresentando e incentivando a comunidade a participar do PVS, que envolve diferentes ações e intervenções na comunidade.

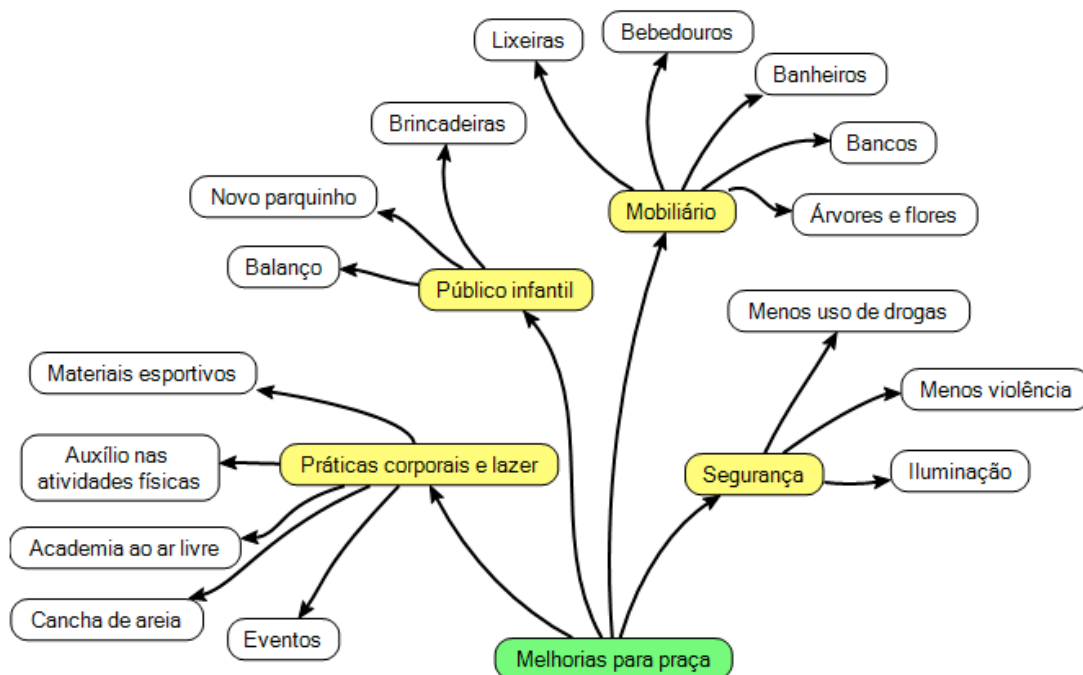
Concernente a contribuição na melhoria dos espaços da praça, 43,9% indagaram que nunca fizeram nada na praça; outros 30,8% destacaram que ajudam a conservar. Destaca-se que quando os interlocutores participam de alguma ação de manutenção e melhorias do espaço público, efetivando o processo de reconversão apresentado por Borja e Muxí, ele se sentirá ainda mais pertencente a esse espaço e contribuirá ainda

mais na conservação. Em seguida os interlocutores que não contribuem de nenhuma forma, foram questionados do interesse em ter iniciativas a esse respeito, no qual, 55,2% afirmaram que sim.

Foi questionado se conheciam a Associação dos Moradores, e a maioria (65,4%) disse que não. Por outro lado, os sujeitos que têm conhecimento quanto a associação, consideram boa tal atuação. É necessário os indivíduos terem conhecimentos do que ocorre no bairro, nos espaços públicos e o trabalho dos seus representantes para gerar uma maior apropriação.

A técnica de análise de conteúdo possibilitou o cruzamento das respostas gerando a categoria Melhorias para a praça (Diagrama 1) representada na cor verde, a qual se refere, as principais melhorias que os interlocutores almejam para o espaço. As subcategorias, em destaque, na cor amarela, revelam os anseios dos interlocutores referente a equipamentos, manutenção, projetos entre outros. Na cor branca, estão as variáveis de maior frequência.

Diagrama 1: Melhorias para a praça



Fonte: Os autores

Um dos anseios dos entrevistados está relacionado às práticas corporais e ao lazer, como: materiais esportivos para serem disponibilizados, orientação qualificada nas atividades físicas, instalação de Academia ao Ar Livre, cancha de areia e promoção de eventos. Os interlocutores também chamaram atenção para equipamentos voltados ao público infantil, como um novo parquinho e balanços.

A partir dessa necessidade apresentadas, reforçamos em conjunto com Moro (2012, p. 114) “a necessidade de reorganizar e qualificar mais os espaços dos parques infantis e seus brinquedos”, sem esquecer que o poder público no momento que vai planejar esses espaços precisa levar em consideração o que pensam as crianças, assim “torna-se urgente garantir para todas as pessoas uma cultura de espaços públicos abertos de qualidade, com segurança, respeitando, estimulando e favorecendo o potencial lúdico a partir da infância com reflexos sociais por toda vida” (p.132).

Dentre as respostas daquilo que as pessoas sentem falta na praça, as mesmas ficaram divididas entre lixeira, iluminação, bebedouro, segurança e mais brinquedos para as crianças. Algo interessante que aconteceu na praça no sábado seguinte ao 4º evento e que talvez mudasse as respostas em relação aos brinquedos é que foi instalada a Academia ao Ar Livre e as crianças de fato fizeram dela o seu espaço para brincar (Figuras 9 e 10).

Figuras 9 e 10: Crianças brincando nos aparelhos da Academia ao Ar Livre



Legenda: Arquivo Pessoal (2016)

Nessa perspectiva, coadunamos com Rechia *et al.* (2011, p.132) quando afirmam que “o exercício do direito ao lazer está diretamente relacionado com a apropriação dos espaços públicos, a qual é influenciada por diferentes fatores socioculturais”.

Dispor de espaços e equipamentos públicos perto de onde se vive é condição de cidadania. Assim, concordamos com Borja e Muxí (2000), quando afirmam que se a centralidade e mobilidade não forem universais, a cidade não será democrática.

Podemos inferir que esse é um projeto de fundamental importância para tentar mostrar à população qual é a relevância de cuidar daquilo que é público, ou seja, que é de todos.

Considerações Finais

Na Praça do Bosque não havia uma apropriação efetiva por parte da comunidade, isso mostra que os moradores do entorno não tinham um sentido de pertencimento com aquele espaço, pois além de não participarem da manutenção dos equipamentos não contribuíam com a segurança do local. Realizar eventos que congreguem a comunidade pode favorecer o processo de apropriação do espaço público, pois se sentem valorizados. Nos dois primeiros eventos não conseguimos mobilizar a comunidade, porém nos dois últimos vimos que se houver um trabalho coletivo a população participa e isso fica evidente ao observarmos que mais de 500 pessoas passaram pela praça nessas duas ações.

Chama atenção a necessidade das lideranças comunitárias incentivarem e mobilizarem a comunidade a cuidar dos espaços e equipamentos e a participarem de fato da manutenção daquilo que é de todos. Essas questões saltam aos olhos no momento em que percebemos com a realização das entrevistas que mais de 65% dos entrevistados não conheciam a Associação de Moradores. Temos clareza que se a Associação for mais presente as possibilidades de trazer melhorias para a região é muito maior, como afirma o entrevistado 5 “com a associação de moradores, temos muito mais força para ir lá na regional e pedir alguma coisa”.

Nesse sentido, a proposta de reconversão sugerida por meio do PVS para a praça já mostra que a ação da SMMA em conjunto com a comunidade começa a surtir efeito

no sentido de atingir o objetivo e os princípios propostos. Essa é uma ação inicial, mas que começa a gerar frutos dentro da organização da comunidade, pois já foi solicitado aos órgãos competentes a reconversão de outra praça, levando em consideração o formato de parcerias, agora entre a Associação de Moradores, a SMMA e da Escola que fica localizada nessa região.

Foi possível perceber que é a partir das relações que se estabelecem no cotidiano que a comunidade consegue dar sentido e significado aos espaços tornando-os lugar. Podemos afirmar que por meio da qualificação das diferentes vivências de lazer um dia elas se tornarão experiências, das quais fala Tuan, apresentando um real significado para quem usufrui desse fenômeno. A partir das entrevistas foi possível perceber que a comunidade precisa ser ouvida, pois ela tem necessidades, anseios e também muitas sugestões que qualificam o entorno.

Mesmo com os problemas observados no bairro, existe vida com crianças brincando nas ruas ou praças, gente passeando, conversando, procurando fazer desse espaço um lugar singular. A qualidade de infraestruturas, serviços e espaços públicos contribuem para que as pessoas realmente sintam-se pertencentes ao lugar em que vivem. Por fim, consideramos que os espaços público de lazer requerem um debate público e a participação cidadã ao longo do processo de concepção, produção e gestão. Dispor de espaços e equipamentos públicos de lazer perto de onde se vive é condição de cidadania.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BORJA, J.; MUXÍ, Z. **El espacio público, ciudad y ciudadanía**. Barcelona, 2000.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília. Disponível em: http://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/CON1988.asp 2017.

CAVALCANTI, S.; ELALI, G. **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.

FARINASSO, G. C. **A mulher no espaço público: pesquisa exploratória**. USP, 2016.

FREITAG, B. **Teorias da cidade**. Campinas: Papirus, 2012.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEHL, J. **Life between buildings: using public space**. Washington: Island Press, 2011.

GEHL, J. **Cidades para as pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HALLAL, P. *et al.* Avaliação do programa de promoção da atividade física Academia da Cidade do Recife, Pernambuco, Brasil: percepções de usuários e não-usuários. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.26, n.1, p.70- 78, 2010.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.49, p.11-29, 2002.

MINAYO, M. C. S; ASSIS, S. G; SOUZA, E. R. **Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

MONTANER, J. M.; MUXÍ, Z. **Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MORO, L. **Conhecendo os parques de Curitiba e seus espaços públicos destinados às brincadeiras infantis**. 148f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

POL, E. La apropiación del espacio. In: INIGUEZ, L.; POL, E. (Orgs). **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona: Universitat Barcelona Publicacions, p.45-60, 1996.

RECHIA, S. **Parques públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer**. Campinas. Tese de Doutorado em Educação Física, Departamento de Educação Física. Unicamp, 2003.

RECHIA, S. O pulsar da vida urbana: O espaço, o lugar e os detalhes do cotidiano. In: CARVALHO, J. E. **Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias**. Curitiba: Champagnat, 2006.

RECHIA, S. *et al.* As experiências no âmbito do lazer e o princípio da inércia: uma analogia para pensar sobre os fatores que influenciam a apropriação dos espaços públicos. **Movimento**, Porto Alegre, v.17, p.1982-8918, 2011.

ROJEK, C. **Leisure and culture**. Palgrave Macmillian, 2000

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnicas e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SILVA, E. A.P. C. *et al.* Percepção da qualidade do ambiente e vivências em espaços públicos de lazer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 38, p.251-258, 2016.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

VELHO, G. “Observando o familiar”. In: _____. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

Endereço dos Autores:

Felipe Sobczynski Gonçalves
Rua Carlos Klemtz,1410.
Bloco-21, Ap-04 – Fazendinha
Curitiba – PR – 81.320-000
Endereço Eletrônico: felipesgon@gmail.com

Emília Amélia Pinto Costa Rodrigues
Universidade Federal da Bahia
Faculdade de Educação – Departamento de Educação II
Rua Reitor Miguel Calmon s/n Campus Canela
Salvador – BA – 40.110-100
Endereço Eletrônico: milapcosta@hotmail.com

Simone Rechia
Universidade Federal do Paraná
Departamento de Educação Física – Campus Jardim Botânico
Rua Coração de Maria, 92 – Jardim Botânico
Curitiba – PR – 80.210132
Endereço Eletrônico: simone@ufpr.br